

A disparada dos títulos da dívida

■ Queda nas taxas de juros eleva papéis brasileiros

SERGIO FADUL

O Banco Central (BC) teve um alvo específico, segundo a avaliação do mercado financeiro, ao derrubar as taxas de juros anteontem: o grande volume de capital estrangeiro que vinha entrando no país que chegou a US\$ 2,5 bilhões em janeiro. O efeito foi imediato. Os papéis da dívida externa brasileira dispararam, sendo negociados, em Nova Iorque, a 89,62% do valor de face

** 3 FEVER 1996*
contra 88% no fechamento da véspera.

O raciocínio é para que o investidor estrangeiro virá para o Brasil atrás de um retorno de 18% ao ano, que descontado o Imposto de Renda de 15% cai para 15,3% se com os papéis da dívida externa é possível ter um retorno de até 18% ao ano sem taxaço. O ingresso maciço de dinheiro estrangeiro tem sido um dos principais responsáveis pelo aumento da dívida pública. A explicação é que os dólares que entram no país precisam ser comprados pelo BC que é obrigado a emitir reais e depois títulos públi-

cos para recolher o excesso de dinheiro em circulação.

A grande dúvida dos administradores de capital estrangeiro é exatamente qual será a opção desses investidores: ficar nas aplicações de renda fixa no Brasil ou buscar os papéis da dívida no exterior? A possibilidade dessa troca tem servido para amenizar os temores do mercado de que o BC venha a adotar uma quarentena — exigência de que os recursos fiquem no país por um prazo mínimo de tempo —, medida que poderia inibir em muito o interesse dos estrangeiros em aplicar no Brasil.

Extrema - conversão
Ontem a procura por papéis da dívida externa foi intensa. “Poucos brasileiros aproveitaram essa alta dos últimos dias. Os grandes compradores foram os investidores estrangeiros”, afirmou o diretor de um banco. Outro movimento que tem sido percebido pelos administradores de recursos estrangeiros é a troca de aplicações em debêntures — títulos de renda fixa emitidos por empresas — pelas bolsas de valores. “Muito do capital externo que está indo para as bolsas é dinheiro de investidores estrangeiros que já estava no país”, afirmou um executivo.